

TOMÁS HOJE: UM COMPANHEIRO DA VERDADE!

por Paulo Faitanin – UFF.



Dr. Juan Sellés

Juan Fernando Sellés é professor da Faculdade de Filosofia da Universidad de Navarra. Doutor desde 1994, publicou mais de 100 títulos entre livros e artigos, sendo que a metade dedicada ao pensamento de Tomás de Aquino. Exímio conhecedor da Antropologia tomista, Juan Sellés consegue numa linguagem atual e atraente transmitir ao público não especializado as nuances metafísicas, morais e gnosiológicas inerentes ao problema do fenômeno humano. Entre suas obras, já são clássicas as seguintes: *La persona humana* I. Introducción e historia, Bogotá, Universidad La Sabana, 1998, 337 pg; *La persona humana* II. Naturaleza y esencia humanas, Bogotá, Universidad La Sabana, 1998, 304 pg; *La persona humana* III. Núcleo personal y manifestaciones, Bogotá, Universidad La Sabana, 1999, 310 pg; *Hábitos y virtud* I. Un repaso histórico. Cuadernos de Anuario Filosófico, Serie Universitaria, nº 65, Pamplona, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 1999, 82 pg; *Hábitos y virtud* II. Naturaleza de los hábitos y de la virtud. Cuadernos de Anuario Filosófico, Serie Universitaria, nº 66, Pamplona, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 1999, 71 pg; *Hábitos y virtud* III. Pluralidad de hábitos y unidad en la virtud. Cuadernos de Anuario Filosófico, Serie Universitaria, nº 67, Pamplona, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Navarra, 1999, 101 pg.

Juanfer, como é chamado por seus amigos mais próximos, apesar da juventude e jovialidade, é, sem dúvida, um destes mestres que com muito zelo acadêmico honra a carreira filosófica, sobretudo, por seu espírito de trabalho na busca da verdade. Coaduna magistralmente o bom humor com a árdua metafísica, sem perder em nada a tenacidade da inteligência. Sem sombras de dúvidas, Juanfer leva marcada a formação que recebeu de seus mestres e amigos, dentre eles, Leonardo Polo. Santo Tomás de Aquino é, sem dúvida, seu mestre e guia intelectual. Aprofunda a obra do Aquinate não só escrevendo livros técnicos e de divulgação, mas também traduções de alguns textos, como o prólogo ao Comentário de Santo Tomás ao Evangelho de São João [Tomás de Aquino, *Comentario al Prólogo del Evangelio de San Juan*, Introducción, traducción y notas de J.F. Sellés, Pamplona, Eunsa, 2005].

A Aquinate.net se sente honrada por editar esta entrevista com o Prof. Dr. Juan Fernando Sellés, que carinhosamente é conhecido por seus amigos mais próximos simplesmente por Juanfer.

ENTREVISTA:

1. Quem é Santo Tomás de Aquino para você?

Tomás de Aquino é, objetivamente, um dos grandes da história da filosofia. A grandeza de Tomás de Aquino deve-se não só a sua própria genialidade, mas também a sua capacidade de assimilar sinteticamente a tradição filosófica precedente, em especial, o pensamento de outro dos grandes da filosofia, Aristóteles, o genial pensador ao que mais deve o Aquinate, e ao que continua na medida em que pode.

Para mim, Tomás de Aquino foi e é um dos dois pilares básicos de minha formação filosófica; o outro é Leonardo Polo (Madri, 1926). Foi-o, porque nele centrei minha tese doutoral e porque sobre ele publiquei 15 livros e 40 artigos (a metade de minha produção); e o é, porque sempre que me proponho a estudar um tema, primeiro reviso exaustivamente o que disse Tomás a respeito. Atendo a seus ensinamentos com o afã de prosseguir-los na mesma linha de suas grandes descobertas, mas propondo-os tal como o pensamento de hoje requer.

2. Por que Tomás hoje?

Tomás de Aquino é de grande ajuda hoje e sempre porque busca a verdade com todas suas forças, e a verdade – que é o que mais inspira – permanece sempre. Por isso é um clássico. Efetivamente, não é um autor preocupado com a moda, com os modos de fazer ou de dizer, senão, sobretudo, com o conteúdo, sendo este de grande envergadura. Recorde-se a respeito sua sentença: “o estudo da filosofia não é para saber que é o que os homens pensaram, senão para saber qual é a verdade das coisas”. (*In De aëdo*, lib. 1, l. 22, n. 8.). Uma vez atingida a verdade, há que se aderir fielmente a ela, acima dos próprios interesses e dos interesses dos demais, pois como nos recorda ele mesmo: “mais ama a si próprio que à verdade o que não quer defender a verdade contra si; assim, é manifesto que mais ama a si próprio que à verdade o que não defende a verdade em frente aos adversários, porque quer a paz para si”. (*Contra Impugnantes*, pars 4, cap. 2, ad 5). Esta lição Tomás seguramente aprendeu-a de Aristóteles, que dizia que entre Platão e a verdade prevalecia sua amizade a esta última. Por isso, quando Tomás comenta o Estagirita escreve: “já que devemos ter amizade com ambos, a saber, com a

verdade e com o homem, devemos amar mais à verdade que ao homem, já que ao homem devemos amar pela verdade (...). A verdade é o amigo superexcelente a que se deve a reverência da honra”. (*In Ethicorum*, l. I, lec. 6, n. 4).

3. É freqüente em sua exposição antropológica uma análise: do ser (metafísica), do conhecer (gnoseológico) e do fazer (ético). Sua doutrina bebe só das fontes tomistas?

Em minha filosofia o que mais comparece é a teoria do conhecimento (em todos seus níveis) e a antropologia da intimidade, a que fala do ato de ser pessoal, e em segundo lugar, a metafísica e a ética. Nessas vertentes da filosofia, minha doutrina bebe, sobretudo, das duas fontes já indicadas: Tomás de Aquino e Leonardo Polo. Com o primeiro tenho a vantagem de que por meio dele posso abranger as categorias de toda a tradição filosófica precedente ao século XIII, e com a ajuda do Aquinate as superar. Com o segundo posso compreender mais facilmente as categorias dos pensadores modernos e contemporâneos importantes, e também de sua mão podem-se superar tais propostas. A rigor, ambos pensadores têm sua inspiração em Aristóteles. Considero, por tanto, que se devem recolher as propostas aristotélicas de fundo, mas não como uma peça de museu, senão vivendo-os em primeira pessoa e tentando fazê-los avançar.

4. Que textos do Aquinate você recomenda para a introdução à antropologia tomista?

Se me perguntasse sobre este tema em Aristóteles, aconselharia, sem dúvida, o *De anima*, em especial o livro III, o mais comentado, sem dúvida, ao longo de toda a história da filosofia. Com certeza, em Tomás de Aquino é valioso seu Comentário ao livro III *De anima* aristotélico. Mas também se encontram coisas interessantes na parte da *Suma Teológica* dedicada ao *De homine*. Contudo, posso recomendar como introdução à antropologia suas *Questões Disputadas de Veritate*, em concreto, desde a 15 até a 26, porque considero que este livro – além de outros temas que trata – é a melhor introdução à teoria do conhecimento e da vontade do autor, duas chaves de sua antropologia. Ademais, neste ano se publicará uma edição inteira em castelhano das ditas *Questões* pela editora Eunsa, formada por dois volumes, cuja *Introdução* tive a oportunidade de redigir.

5. Quais são atualmente os seus projetos?

Entre outras frentes, agora mesmo me acho absorto no estudo das diversas interpretações do intelecto agente ao longo da toda a história da filosofia. Por enquanto estudei o que há até o século XIV, mas devo fazê-lo até nossos dias. O intelecto agente é uma descoberta nevrálgica de Aristóteles (*De anima*, I, III, cap. 5), pois é a raiz de todo o conhecer humano e também a cimeira do conhecer humano. Esta passagem foi a mais comentada ao longo de todos os tempos entre os conhecedores do Estagirita, e também, a que teve interpretações mais divergentes, sendo muitas delas infiéis à mente do Filósofo. Considero que foi também uma lamentável perda para a filosofia moderna e contemporânea o desconhecê-la, se a tivesse em conta, seus rumos filosóficos teriam sido muito diferentes e de muito maior envergadura. Penso que há três metas centrais no tratamento deste achado ao longo da história. Um é, sem dúvida, o de Aristóteles, que o considera como o ato noético humano superior (mais alto, portanto, que o conhecer de toda potência, de qualquer hábito e de toda operação imanente). Outro é o de Tomás de Aquino, que o concebe como uma potência muito especial, a superior em nós. O terceiro e último, e de maior alcance que os precedentes, é a concepção de Leonardo Polo, que o estima equivalente ao ato de ser humano, recolhendo a tese aristotélica do que é ato, e a ampliando com a descoberta tomista do ato de ser, depois de averiguá-la no homem.

6. O tema de pessoa é central em seus estudos: em poucas palavras, que é a pessoa?

A pessoa é a realidade mais nobre existente. No homem, seguindo Tomás de Aquino, considero que a pessoa é superior à natureza humana, isto é, ao comum dos homens. Efetivamente, Tomás diz que ‘pessoa significa o perfeitíssimo em toda a natureza’. (*Suma Teológica*, I, q. 29, a. 3 co). O comum aos homens é o corpo e todas as suas funções, potências, sentimentos, etc. Mas isto não é cada qual, porque cada pessoa não é seu corpo, mas possui um corpo com notas comuns ao dos demais homens. Cada pessoa é inovadora e irrepetível, não comum. Por isso, para mim, pessoa equivale ao que na tradição medieval se chamou espírito e ao que hoje chamaríamos intimidade. É claro que, para Tomás de Aquino, o homem é um composto de alma e corpo, sendo a alma como a ‘forma’ ou o princípio vivificador do corpo. Contudo, assim como no corpo não é tudo igual nem vale o mesmo, tampouco na alma é assim. Por isso, Tomás – seguindo distinção aristotélica – distingue na própria alma (à margem do corpo) o que é ato nela do que é potência: ‘a alma humana como subsistente, está composta de potência e ato,

pois a mesma substância da alma não é seu ser, mas sim se compara a ele como a potência ao ato. E daí não se segue que a alma não possa ser forma do corpo, já que inclusive nestas formas isso que é como a forma, como o ato, em comparação com uma coisa, é como potência em comparação a outra'. (Questões Disputadas De Anima, q. única, ar. 1, ad 6). Se a distinção real aristotélica entre ato e potência considera-se entre a alma e o corpo, é claro que a alma é ato em relação do corpo. Mas se essa distinção considera-se dentro da própria alma, então, penso que o intelecto agente – a que antes se fez alusão – estaria no plano do ato, enquanto a inteligência e vontade ('potências' imateriais) fariam parte do potencial da alma. Além disso, se essa distinção aristotélica prolonga-se com a distinção real tomista entre ato de ser e essência, pode-se assimilar o que acima se chamou pessoa ou intimidade ao ato de ser, enquanto as aludidas potências (inteligência e vontade) seriam da essência humana.

7. As pessoas hoje em dia parecem esgotadas. Não é raro em seus escritos advertir uma análise profunda da virtude como o remédio para este esgotamento. É ainda possível a virtude? Como?

O que mais esgota a alguém é estar pendente de seu próprio eu, esse inconveniente inquieto que vive diante de nosso olhar, porque projetamos a nós mesmos; que nos segue a todas as partes, mas que não coincide com o sentido pessoal que o Criador nos outorgou a cada qual, já que é um invento próprio. É o que Tomás de Aquino chamaria soberba, da que nasce um sentimento do espírito muito negativo incompatível com a felicidade: a tristeza. Para evitar esse ônus esgotador, o melhor é a humildade, uma virtude muito especial do espírito, o fundamento de todas as demais, que a meu modo de ver não radica na vontade, senão na intimidade pessoal e é fruto de se conhecer como cada um é diante de Deus. É a virtude mais importante para o filósofo, não só porque o é para cada homem, senão porque o conhecer mais alto é o conhecimento próprio e o divino (ambos solidários) e, obviamente, a um filósofo se deve pedir que conheça o superior. Por isso, é compreensível que quando os filósofos (e também os demais) prescindem do conhecimento próprio e se põem à margem de Deus, não só se tornem esquisitos, mas também o sentido do resto da realidade se lhes problematize ou se torne intrincado demais. Como ser humilde? Sendo fiel à verdade, a toda verdade, por pequena que pareça, pois ser fiel a elas é ser fiel à Verdade, já que “a verdade é, pois, algo divino, pois em Deus se encontra primeira e principalmente”. (*In Ethicorum*, I. I, lec. 6, n. 4).

Tradução: Flávio Lemos Alencar